

## PAIXÃO DOS VALORES

ANTONIO CANDIDO

Como as pessoas, os valores, que são idéias, nascem, padecem sorte vária e morrem. Sua raiz é modesta e comum. As necessidades elementares da vida individual, projetando-se na vida coletiva, se sublimam em normas. Essas, desfeita a placenta que as nutre, se apresentam como valores autônomos, eternos, universais. Em torno deles se constroem as ideologias, proliferam outros valores, forma-se o tecido das ilusões caras à existência. As instituições vicejam à sua sombra e a conduta se organiza segundo a sua diretriz.

Mas as relações entre os homens mudam, com a mudança das suas técnicas, com o reajustamento da sua atividade econômica. Os valores perdem o seu fundamento concreto, a sua funcionalidade, mas permanecem carregados de conteúdo afetivo. Entram em choque com a vida, tornam-se sobrevivências, padecem. A vida os vence e os ultrapassa, no seu crescimento contínuo.

Os momentos de paixão dos valores são momentos de dor e de incerteza, em que a humanidade tateia, se enfurece, cai, sangra e prossegue, à busca de novos critérios e crenças novas. Momentos em que se ouve o clamor dos profetas, como Georges Bernanos, e em que a ação dos homens se perde na incoerência e na dor, como em *Monsieur Ouine* que é um romance de padecimento, de paixão dos valores.<sup>1</sup>

A problemática de *Monsieur Ouine* pode talvez dividir-se em três momentos. Primeiro, a realidade inegável da confusão e, mais, da decomposição dos valores até aqui característicos da civilização cristã do Ocidente; segundo, a tomada de consciência, por parte das pessoas, desse estado de coisas; terceiro, a sua conduta uma vez feita a constatação. Um problema de realidade, um problema de julgamento e um problema de atividade. Esses três momentos, é claro, só podem ser discriminados por um esforço de esquematização, pois no livro, que é um grande romance, o que nos é dado é a ação dos personagens, o seu comportamento estranho e doloroso, sobre o qual temos de meditar para lhe compreendermos o sentido.

Os personagens procedem de maneira misteriosa, segundo uma lógica que parece do acaso, como a dos sonhos, e de fato a atmosfera do livro é onírica as mais

Artigo publicado originalmente em 1943 e inserido neste número da revista *Literatura e Sociedade* com autorização da Editora Ouro sobre Azul (Rio de Janeiro, 2004, p. 101-9), à qual agradecemos.

<sup>1</sup> George Bernanos, *Monsieur Ouine*, Rio de Janeiro, Atlântica, 1943.

das vezes. Tudo se passa como se alguém houvesse semeado nas pessoas um fermento inesperado que as faz viver em equilíbrio instável, numa ponta extrema em que, exasperadas, acuadas pela vida e pelo seu inferno interior, aceitam todas as soluções, aspirando, mesmo, ao nada e à morte. “Ah! fazer depressa o que é preciso fazer, deslizar desta paz na outra...”, diz Helène de Vendomme. Porque os valores estão em confusão e ninguém sabe mais a que se ater. Daí o sentido de corrupção que vem das coisas. Os valores gastos e velhos apodreceram. Uma verdadeira putrefação de idéias e de crenças, simbolizada pelo nariz disforme do *mairre* de Fenouille, que tem uma acuidade olfativa levada ao anormal e não resiste ao cheiro exalado pelas coisas.

Aliás, [diz ele] tudo fede, os homens, as mulheres, os animais, a terra, a água, o ar que respiro, tudo: a vida inteira fede. Às vezes... chega quase a parecer que o próprio tempo fede. E nós, então! Tu me dirás que se poderia lavar, enxaguar, esfregar, que diabo!... O cheiro de que falo não é um cheiro, na verdade; vem de mais longe, de mais fundo, da memória, da alma, que sei eu! Não adianta água; seria preciso outra coisa.

Mas nem todos têm consciência disso – de que as coisas em que creram e segundo as quais viveram andam soltas, fora dos quadros, apodrecendo, sem que outras as substituam. Num mundo de valores sadios e vigorosos, o comum dos mortais não precisa ter consciência deles, pois que são a própria consciência cristalizada do comum dos mortais. A consciência generalizada dos valores indica a sua fragilidade. Tornar os homens conscientes de valores frágeis e desfeitos é semear o desnorteio e precipitar a convulsão. Ora, a chave do livro é justamente esse movimento de tomada de consciência, e o seu herói, Monsieur Ouine, o misterioso professor de línguas que agoniza com uma tuberculose no castelo desmantelado de Wanbescourt.

Os habitantes da aldeia de Fenouille, enquistados no egoísmo, indiferentes ao bem e ao mal, são os mornos de que fala o Apocalipse, e que obsedam Stavroguine. “O amor, meus amigos, um amor de que temo hajais perdido a própria idéia”, lhes diz o vigário, que ensina:

A blasfêmia, senhor, compromete perigosamente a alma, mas a compromete. A própria experiência prova que a revolta do homem permanece um ato misterioso de que talvez o demônio não possua todo o segredo, enquanto que o silêncio...

Dessa moreira, dessa esclerose, vão ser arrancados pelo misterioso Monsieur Ouine e por um acontecimento de que provavelmente ele é a última instância.

A sua função, nesse livro, é dar consciência, fazer pensar, lançar a inteligência dentro das coisas com uma diabólica vocação para o conhecimento daquilo que deséspera. Em meio aos mornos e aos alucinados, ele é o consciente, o único a assumir uma atitude de lucidez na confusão que precipita os outros no desespero. Pensar, em meio à putrefação dos valores, é conhecer o desamparo do espírito. É, para os fracos, conhecer o próprio mal, como acha o pobre *mairre* de Fenouille, levado à loucura pela consciência em pânico:

A idéia, compreendes, é uma coisa feroz. Supõe que estejas suja; lavas-te, e pronto. Mas contra a idéia de estar suja – a idéia, compreendes? – pois bem, contra a idéia, nada há que valha.

E Monsieur Ouine vive a fim de insinuar nos outros idéias a respeito das coisas. Diz um personagem que ele “faria as próprias pedras pensarem”. Por isso se apresenta como o farol de Baudelaire:

*Un phare ironique, infernal,  
Flambeau de grâces sataniques,  
Soulagement et gloire unique:  
La conscience dans le Mal!*

Sendo uma disciplina de autoconsciência, de inteligência, a companhia de Monsieur Ouine é de certo modo uma propedêutica do mal. Ora, o ato do conhecimento nunca é tal coisa, mas, ao contrário, um dos bens supremos. O seu exercício, porém, sobre aqueles objetos normalmente relegados ao instinto é que o pode ser – o excesso da análise levando à paralisia, e a clareza da noção ao desvario. E a convivência com Monsieur Ouine é uma propedêutica do desvario. Anthelme de Néreis, sólido caçador e alegre *gentilhomem* rural, esclarecido por Monsieur Ouine, empreende a sua regeneração pela arte e mergulha na loucura, como sua mulher, a magnífica Ginette de Néreis, que percorre as estradas no seu carro e na sua égua normanda, como amazona fantasmal.

Na confluência do conhecimento e da vida coloca-se o problema da conduta, caro a Monsieur Ouine, de quem um eclesiástico diz que “parece se interessar apenas pelo problema moral”; e que, por sua vez, diz ao vigário de Fenouille: “aqui, só o senhor e eu nos interessamos pelas almas”. Ora, num ambiente como o desse livro, o problema do comportamento se vê encaminhado na direção de um estranho experimentalismo, o indivíduo como que solicitando perigosamente as mais desconhecidas possibilidades, numa verdadeira aposta, consigo próprio e com a vida, para a eleição dos novos valores – aposta que pode levar à salvação ou à perdição irremissível. Os valores estão às soltas; portanto, há possibilidade de que entre eles estejam os verdadeiros. Quais? Invoquemos os mais estranhos, os mais inesperados, pois desse apelo pode resultar o novo padrão.

Assim, ao adolescente Steeny, sob a sugestão inexprimível da presença e do ensino de Monsieur Ouine,

esse mundo em que não ousava crer, o mundo odiado por Michelle, (“Estás devaneando Steeny; que vergonha!”) o mundo da preguiça e do devaneio que já havia tragado o fraco avô, o horizonte fabuloso, os lagos do esquecimento, as imensas vozes, – se lhe abria bruscamente e ele se sentia bastante forte para vivê-lo, entre tantos fantasmas que o vigiavam com milhões de olhos, até o escorregão supremo.

Os valores que fizeram do avô um pobre reprovado poderão fazer dele, e de certo modo fazem, um vencedor deste mundo paradoxal, em que não há critério nem padrões, em que o sonho, a alucinação, o próprio crime, sob o influxo da voz macia de Monsieur Ouine, parecem outras tantas virtudes de força e de verdade.

Mais um passo e estaremos no ato gratuito, porque o mundo dos valores baralhados apela para as mais desvairadas aventuras da personalidade. Verificada a insignificância das coisas e dos homens, o indivíduo se volta sobre si mesmo. Numa frase reveladora, Monsieur Ouine diz a Steeny: “Os confins do mundo não existem meu caro rapaz... Mas cada um de nós pode ir até os confins de si mesmo”. Para ele, portanto, existe sobretudo a exploração radical do próprio eu, o desbragamento da aventura interior, que leva ao desbragamento da conduta, concebida como expansão suprema do próprio eu a passeio, em busca de si. Por isso, Steeny aceita o convite ao mistério, emanado de Monsieur Ouine, que lhe parece um herói, um santo.

A natureza dessa admiração, o seu sentido profundo, é revelado, aliás, por uma frase do pequeno aleijado, Guillaume: “Você se serve dele contra você mesmo; ele o vinga. Meu Deus, Steeny, nada mais o deterá”. “Deus meu! Temo que coisa alguma consiga jamais saciar-te, nem o leite, nem o sangue!”, observa a sua governante. E a mãe, definindo o delírio de autonomia a que se é levado no mundo sem valores: “Não suportarás coerção alguma”. Ninguém se subordina a nada, sentindo que nada mais existe realmente. Miragem da liberdade total através da ilusão da completa libertação dos valores.

Dentro dessa ética do desespero, podem acontecer as coisas mais alucinantes. Morre o pequeno pastor. Quem o matou? Ninguém sabe, mas o acontecimento provoca a explosão. Atrás dele, Monsieur Ouine, que provavelmente é a sua mola suprema, tece os fios. Com a sua doçura, a sua tristeza de moribundo, vai deslizando lentamente nos bastidores, porque é o seu veneno que trabalha, o veneno da consciência e do destemor na aventura, que é a sua missão semear nessa perdida paróquia de França. E por que consegue Monsieur Ouine a ascendência que tem sobre os castelões, sobre Steeny, sobre o vigário, cujo amargor faz estourar? Porque faz o pensamento penetrar onde a vontade reluta em segui-lo. E fá-lo porque ele próprio já não tem mais recantos da alma a explorar. Percebeu muito cedo que o grande mistério que ardia por conhecer, o mistério buscado, quando menino de internato, nos corolários de Espinosa, que não entendia, lhe era vedado. Percebeu que o resto não importava, mesmo porque esse resto bem cedo se esclareceu para ele. E lhe veio um tédio sem par da vida. “Tanto mais, senhor padre, quanto a infelicidade do homem não existe; existe o tédio... O tédio do homem dá cabo de tudo, senhor padre, e seria capaz de amolecer a terra”. E, termina Monsieur Ouine, “a desgraça suprema do homem é que o próprio mal lhe causa tédio”.

No entanto, se aprofundarmos o caráter diabólico desse personagem misterioso, veremos que, na sua essência, ele é a expressão de uma estranha forma de amor aos homens. O que lhe causa pavor, o que o horroriza sobretudo – não é difícil verificar – é a inconsciência deles pelo que há de decisivo nas ações. A sua estúpida indiferença pelos problemas essenciais ou, ao menos, a sua resistência a qualquer sopro de uma existência mais conforme a eles. O magma da sua fatal rotina de vida.

Nem a vontade nem a inteligência, tirania alguma – a própria curiosidade, o mais poderoso dos meios de desagregação, a curiosidade levada ao ódio – seriam capazes de vencer a resistência, a elasticidade mole desse magma. Monsieur Ouine imagina, vê quase com os próprios olhos, como se estivesse num outro mundo, num outro planeta, essas camadas fúnebres, esses lagos de

lama. Quem quer que tente deitar-lhes mão – algum homem milagroso, nascido verdadeiramente livre – eis que as pernas se afundam ao seu peso e que ele desaparece quase no mesmo instante, convulso, a gesticular, sorvido por essa semente de homens, mortos ou vivos.

Monsieur Ouine faz o que pode, lançando os indivíduos em pistas que os levam à loucura, à desordem interior, porque eles não resistem, não sabem segui-las, não têm a vocação do excepcional, a não ser talvez Steeny. Mas Steeny é um adolescente, como muitos outros que juraram segui-lo e o abandonaram depois. Sob a atitude demoníaca de Monsieur Ouine há uma vocação falhada de santo, de arcanjo que pecou pelo orgulho, que comeu mais uma vez o fruto do saber e ficou perdido dentro da sua clarividência inútil. De que lhe adianta ver tudo claro? Na hora da morte, o desgraçado implora uma parcela de mistério, do mistério que poderá ser a verdade, a salvação:

Preciso de um segredo, de um ao menos; tenho necessidade premente de um único segredo, por mais frívolo que se possa imaginar ou mais horroroso e repugnante do que todos os diabos do inferno... Nada mais posso dar a ninguém, bem sei, provavelmente receber mais coisa alguma. Mas de mim algo pode cair, como o fruto de uma árvore.

E Monsieur Ouine morre da sua esterilidade, após ter cumprido a sua missão: fazer vir a furo o tumor que era a pequena comuna de Fenouille. Morre milagrosamente, porque a sua conversa com Steeny teve lugar a partir do momento da morte natural, verificada duas horas mais tarde pelo médico.

Em meio aos valores que se desagregam, há três grupos que tentam se fazer ouvir. O da terra, o da Igreja e o da ciência. O velho De Vendomme representa as coisas simples e puras do campo, cuja solidez alicerça a tradição francesa. A desagração, porém, desabou até sobre a sua granja tradicional. Ele também sofre com o sentimento das coisas complicadas e impuras. Também ele foi atingido pelo veneno do pensamento, o veneno de Monsieur Ouine:

Que adianta pensar? O mal vem do cérebro que não pára de trabalhar, do bicho mole e monstruoso no seu casulo, como um verme; do sugador incansável. Sim, que adianta pensar? Uma noite de discussão consigo mesmo, de inútil ruminar, bastou para transformá-lo em outro homem, tão fraco quanto uma mulher.

Foi ainda o raciocínio que levou o cura de Fenouille a tomar consciência do miserável estado espiritual da sua paróquia e a prever a solução violenta da decomposição, o parto medonho do mundo novo, o fruto do orgulho:

Desta aldeia e de muitas outras que se assemelham [...] sairão, quando começarem a arder, bestas de toda espécie, cujo nome os homens esqueceram há muito, se é que jamais tiveram algum nome.

O livro está cheio desse mundo novo a cujas portas estamos, porque todo ele é um esforço crispado à sua borda. “Aliás, diz Guillaume a Steeny, parece-me que não esperaremos por muito tempo os herdeiros, os legítimos. Eles já estão mar-

chando. Em você, por exemplo, Philippe.” Das conversas do vigário, do seu magnífico sermão, pode-se depreender que o autor espera também, depois do incêndio e da invasão das bestas-feras, uma forma nova para os valores que ele chamaria *provados*, que, para ele, são eternos. Assim, muito se pode esperar da terra e da Igreja, segundo esse revolucionário tradicionalista. Mas pouco da ciência, representada pelo médico da aldeia, que circula por entre as angústias do drama com uma inconsciência total, enfeitada de explicações técnicas.

*Monsieur Ouine* deita no nosso tempo raízes fundas, que lhe trazem às frondes a seiva dolorosa de sangue e dor que é o nosso quinhão. Só não traz muito claramente a esperança, que também é o nosso quinhão e o nosso alento. Talvez porque seja mais um brado de desespero, ante o que não nos foi possível ser, do que um anseio pelo que queremos ser. De qualquer modo, circulam as mais nobres energias do autor nessa análise apaixonada de alguns aspectos capitais da decadência dos valores, cujo travejamento sustentava a civilização do Ocidente. Nela, estão presentes o seu intenso amor pelos homens, a sua incansável vontade de servir, a sua força constante de participação. Creio não exagerar ao apontá-lo como um dos romances capitais do nosso tempo, como uma grande obra que é necessário ler, pelo que tem de permanente no seu sentido apocalíptico e no seu admirável estilo.